

Jornalismo Esportivo, Copa do Mundo & Seleção Brasileira de Futebol – Titelê e a lembrança de uma crônica de Matinas Suzuki Jr.

Luciano Victor Barros Maluly

Doutor em Ciências da Comunicação e professor associado do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, ambos na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: lumaluly@usp.br

Edwaldo Costa

Jornalista do Centro de Comunicação Social da Marinha do Brasil e Pós-Doutorando na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: edwaldocosta1@gmail.com

Independentemente do meio, os assuntos envolvendo a Seleção Brasileira de Futebol tornaram-se pautas periódicas nos principais jornais, sobretudo em momentos de Copa do Mundo, como a de 2018. Entre as notícias de destaque, estão as relacionadas aos personagens que, dentro e fora do campo, são admirados como defensores do futebol-arte, que é definido pelo pesquisador Jesús Casteñón Rodríguez como “estilo de alta qualidade baseado na brilhante execução das jogadas” (1993, p. 148, tradução nossa). Assim como Telê Santana em 1982, o treinador Tite recuperou a imagem da Seleção Brasileira, tão desgastada após a derrota de sete a um para os alemães, na semifinal da Copa de Mundo de 2014. Ao revelar um paralelo entre o passado e o presente, esse fascínio talvez esteja ligado à ideia de que o futebol também é um símbolo da cultura brasileira. Este artigo analisa o contexto envolvendo a Seleção Brasileira bem como o principal protagonista desta história, no período anterior à Copa do Mundo FIFA de 2018. **Palavras-chave:** Copa do Mundo. Futebol. Jornalismo Esportivo. Seleção Brasileira de Futebol.

Sports Journalism, World Cup & Brazil squad – Titelê and the memory of a Matinas Suzuki Jr.'s chronicle

Regardless of the mean, subjects surrounding Brazil squad have become periodic guidelines in the main newspapers, especially at World Cup moments, such as Russia's. Among the highlights, there are characters who, inside and outside the fields, are admired as defenders of football-art, which is defined by the researcher Jesús Casteñón Rodríguez as a "high quality style based on the brilliant execution of the plays" (1993, p. 148). Such as Telê Santana in 1982, the coach Tite recovered the image of Brazil squad, so damaged after the defeat of seven to one for the Germans, in the semifinal of the 2014 FIFA World Cup. In revealing a parallel between the past and the present, this fascination is perhaps linked to the idea that soccer is also a symbol of Brazilian culture. This paper analyzes the context involving Brazil squad as well as the main protagonist of this story, in the period before the 2018 FIFA World Cup.

Key-words: World Cup. Soccer. Sports Journalism. Brazil squad.

Periodismo Deportivo, Copa del Mundo y Selección Brasileña de Fútbol - Titelê y el recuerdo de una crónica de Matinas Suzuki Jr.

Independientemente del medio, los asuntos que envuelven la selección brasileña de fútbol, se volvieron directrices periódicas en los principales periódicos, principalmente en momentos como en la Copa Mundial, en 2018. Entre las noticias en destaque, están relacionados los personajes que, adentro y afuera del campo del juego, son admirados como defensores del futbol-arte, que es definido por el investigador Jesús Casteñón Rodríguez como "estilo de alta calidad basado en la brillante ejecución de las jugadas" (1993, p. 148). Así como Telê Santana en 1982, el entrenador Tite recuperó la imagen de la Selección Brasileña, tan desgastada después de su derrota de siete a uno para los alemanes, en la semifinal de la Copa Mundial de 2014. Al revelar un paralelo entre el pasado y el presente, esa fascinación tal vez esté ligada a la idea de que el fútbol es un símbolo de la cultura brasileña. Este artículo analiza el contexto que envuelve la selección brasileña de fútbol, bien como del principal protagonista de esa historia, en el periodo anterior a la Copa Mundial de Rusia 2018.

Palabras-clave: Copa Mundial. Fútbol. Periodismo Deportivo. Selección de Fútbol de Brasil.

Introdução

Os momentos que antecedem uma Copa do Mundo de Futebol Masculino, como os que acontecem na Rússia em 2018, reforçam uma pauta tradicional e também um símbolo nacional; no caso, a Seleção Brasileira de Futebol. Neste contexto, uma questão ainda a ser compreendida é sobre o imaginário desse símbolo e, por si, dos personagens dessa história.

As conquistas dos torneios de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002 geraram e revelaram uma autoestima no povo brasileiro. Mesmo nas derrotas como a de 1950 e, mais ainda, a de 1982, foi possível observar um certo orgulho em torno do espetáculo apresentado. O maltratado e subestimado povo brasileiro conquistava, pelo talento, o reconhecimento internacional. Surgia a identificação pela Seleção Brasileira de Futebol, principalmente após o tricampeonato mundial em 1970, como revela o antropólogo e também pesquisador e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Roberto Augusto DaMatta:

No caso brasileiro, foi indiscutível, através do futebol, como já afirmei, que o povo pôde finalmente juntar os símbolos do Estado nacional (a bandeira, o hino e as cores nacionais), esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares, aos seus valores mais profundos. Ainda é o futebol que nos faz ser patriotas, permitindo que amemos o Brasil, sem medo da zombaria elitista que, conforme sabemos, diz que só deve gostar da França, da Inglaterra, dos Estados Unidos sem jamais do nosso país. Além disso, o futebol instituiu abertamente a malandragem como a arte de sobrevivência e o jogo de cintura como estilo nacional. Mas sem excluir a capacidade de jogar com técnica e força. Foi, portanto, só com o futebol que conseguimos, no Brasil, somar Estado nacional e sociedade. E, assim fazendo, sentir, pela avassaladora e formidável experiência de vencer três Copas do Mundo, a confiança na nossa capacidade, como povo criativo e generoso. Povo que podia vencer como país moderno, que podia, também, finalmente, cantar com orgulho o seu hino, e perder-se emocionado dentro do campo verde da bandeira nacional (DaMatta, 1994, p. 17).

Conforme também afirma DaMatta (1982, p. 21), o futebol é o modo específico pelo qual “a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir”. Esse esporte constitui, assim, um objeto sociológico privilegiado para analisar as contradições sociais e políticas – neste caso, também midiáticas – da sociedade brasileira, tendo a Seleção de Futebol como símbolo maior.

Os jornalistas se aproximam desta ideia, quando exaltam a qualidade de nossas equipes, treinadores, atletas e demais personagens, principalmente quando alguns deles se destacam no cenário internacional dos países ricos ou daqueles que sediam os mais importantes torneios do mundo. Chega a ser exaustivamente piegas a tal exaltação em torno de alguns jogadores, como no caso atual

do atacante Neymar, ex-jogador de destaque do Barcelona (Espanha), e agora do PSG da França. Elementos não faltam para que isso aconteça: o fato de ser a transição mais cara do futebol, ter origem humilde, ser pai ainda jovem, namorar uma bela atriz de telenovelas da Rede Globo de Televisão (Bruna Marquezine), jogar na Europa, ter atuado no Santos Futebol Clube (mesmo time de Pelé) e na Seleção, entre outros tantos exemplos. Neymar, assim como outros jogadores que atuam no exterior, é sinônimo de sucesso, ou seja, de superação. Nasceu pobre e tornou-se rico e famoso, como um conto de fadas, como retratado no filme *Asa Branca – um sonho brasileiro* (1980), de Djalma Limongi Batista.

Da mesma forma dos cidadãos que acordam e vão à luta, os jornalistas esportivos visualizam alguns personagens da seleção como guerreiros e defensores de uma cultura. Em razão de sua imensa popularidade, o futebol, ainda que seja uma prática inserida no campo esportivo, é a modalidade esportiva no Brasil que apresenta a maior chance de se transformar em instrumento rentável para os meios de comunicação. No caso do jornalismo esportivo, esta relação é ainda maior, como explica o professor e pesquisador da Universidade Federal de Juiz de Fora, Márcio de Oliveira Guerra, autor do livro *Você, ouvinte, é a nossa meta: a importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol* (2000), que foi entrevistado pelo pesquisador da Universidade de São Paulo, Carlos Augusto Tavares Júnior (2017).

Jornalismo esportivo é uma atividade, uma editoria dentro do jornalismo, que tem a sua história marcada, primeiro, por um preconceito envolvendo a atividade, como se fosse uma atividade menor e que, aos poucos, foi se consolidando como um espaço cada vez mais legítimo e importante da prática de todas as teorias da comunicação, com elemento, um componente diferencial, que nós lidamos com a paixão, lidamos com a emoção. E, por conta de lidarmos com emoção e com paixão, o jornalismo, o jornalismo esportivo ganha um impacto e uma projeção muito maior no público do que qualquer outra editoria, porque você mexe com aqueles que torcem a favor e torcem contra e, por conta disso, isso acaba sempre causando um impacto maior. Então, eu acho que jornalismo esportivo é, acima de tudo, o exercício profissional feito com paixão (Guerra apud Tavares Júnior, 2017, p. 42).

E é essa paixão que remete aos anos de 1982 a 1994, período que vai da derrota do selecionado brasileiro para a Itália, por 3 a 2, na Copa da Espanha, e a conquista do tetracampeonato mundial, nos Estados Unidos, após um triste zero a zero, na disputa contra a mesma Azurra. Encontramos, então, uma crônica que contempla uma análise desse período. O título era *E então a gente faz amor com Telê-patia – Ou de como um ponta-direita do Fluminense inventou a verdadeira tecnologia de ponta do futebol atual*, e foi escrita pelo colunista e então editor-executivo do Jornal Folha de S. Paulo, Matinas Suzuki Jr., na Seção de Esportes,

no dia 14 de dezembro de 1993, uma terça-feira que poderia estar tranquila, por ser um dia que não tem muitos jogos de futebol.

Mas por que essa crônica nos remete aos dias atuais? A empolgação com o atual momento da Seleção Brasileira de Futebol (2018) é determinante para explicar a analogia, principalmente no que se refere aos protagonistas. A equipe nacional estava fora da zona de classificação para a Copa do Mundo, após os primeiros seis jogos das Eliminatórias e foi eliminada logo na primeira fase da Copa América, realizada nos Estados Unidos em 2016. Porém, logo após a chegada do técnico Tite, a equipe começa a vencer jogos em sequência, tornando-se a primeira equipe classificada para o torneio da Rússia. Além disso, começou a ganhar jogos e convencer os torcedores pelas boas atuações, como se observou após dois importantes amistosos disputados na Europa, na casa dos adversários, cerca de dois meses e meio antes do início da Copa do Mundo. O primeiro triunfo foi contra a equipe anfitriã (três a zero) e o segundo contra a Alemanha, por zero a um, em Berlim. Lembrando que este foi o primeiro jogo que marcaria o encontro entre as duas equipes após o vexame da derrota de sete a um para os germanos, na semifinal da Copa de 2014, realizada no Brasil. O auge da empolgação ocorreu durante a sequência de vitórias nas Eliminatórias, como observado na crônica *Tite para presidente* (2017), do renomado jornalista brasileiro Juca Kfourir:

Se há uma unanimidade no Brasil hoje em dia é sobre a competência de Tite. O técnico da Seleção Brasileira tem defeitos, é claro, e pecou ao assinar o abaixo-assinado contra o Marco Polo que não viaja para depois aceitar ser funcionário dele, embora com carta branca. Mas consegui a proeza de recuperar a seleção da noite para o dia, não apenas porque a levou a sete vitórias consecutivas durante as eliminatórias, mas porque com futebol que dá gosto de ver. Na crise atual de representatividade no país, em que é raro achar algum político fora da Lava Jato, Tite seria a solução, com Paulinho na Fazenda e Neymar na Cultura, além de Gabriel Jesus na Justiça e Casemiro na Saúde. Em 1982, o jornalista Alberto Dines lançou Telê Santana para a presidência. Não foi ouvido. Deu no que deu. Deu Sarney... (Kfourir, 2017).

A metodologia utilizada neste artigo se alicerça na obra *Pragmática do Jornalismo – Buscas Práticas para uma Teoria da Ação de Jornalística* (1994), do professor e pesquisador da Universidade de São Paulo, Manuel Carlos Chaparro, como forma de compreender a atuação jornalística, no caso de Matinas Suzuki Jr.:

Propomos, assim, um modelo macropragmático para a descrição da ação jornalística, tendo como ideia central a atribuição de *essencialidade* ao componente intenção, no entendimento e na compreensão dos *fazeres*

jornalísticos.

Trabalhamos, aí, com a noção de que essência é o indispensável de uma coisa, o fundo do ser. Sem *intenção* não é possível agregar, no fazer criativo do jornalismo, a *ética*, a *técnica* e a *estética*, a tríade inseparável dos processos complexos da comunicação.

Sem o controle consciente sobre os *fazeres*, o jornalismo não se concretiza nem como ação social nem como criação cultural (Chaparro, 1994, p. 116).

A crônica é definida neste trabalho como “o relato poético do real” (1985, p. 162), na definição do professor e pesquisador da Universidade de São Paulo e da Universidade Metodista de São Paulo, José Marques de Melo. Para a análise e compreensão da crônica de Matinas Suzuki Jr., foi necessária a aplicação do conceito de conotação, conforme proposta dos professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli: “O sentido conotativo varia de cultura para cultura, de classe social para classe social, de época para época... Saber depreender a força conotativa das palavras em cada tipo de cultura é indispensável para usá-las bem” (Platão & Fiorin, 1991, p. 114-115).

Esta proposta é de analisar a relação entre o jornalista esportivo e a seleção brasileira, por meio da crônica publicada por Matinas Suzuki Jr., tendo como base a figura do treinador, exemplificada por Telê Santana da Silva e Adenor Leonardo Bachi, o Tite.

Uma crônica sobre o futebol brasileiro

O retorno das vitórias na chamada Era Tite e, por si, do bom futebol, trazem à tona a ideia de Matinas Suzuki Jr. (1993) de que, após a Era Pelé, os treinadores se tornaram mais importantes que os jogadores de futebol. Ou seja, os atletas marcariam uma época voltada à individualidade, isto é, da técnica em primeiro lugar; enquanto a era posterior, a dos treinadores, tendo como referência Telê Santana, seria a evolução dessa ideia por meio da aliança entre a técnica e a tática:

Pode-se afirmar que o futebol brasileiro das últimas quatro décadas está dividido em duas fases, quase que idênticas sonoramente: a fase Pelé e a fase Telê... A era Pelé, de predomínio absoluto da liberdade do jogador, manteve, dos anos 50 até 1970, o romantismo, a iluminação, o improviso, o malabarismo, a arte e manha do jogador brasileiro como condição de todas as conquistas. O pé reinava entre sobre todos os domínios. A era Telê, iniciada depois da difícil transição dos anos 70, teria como referencial histórico a Copa da Espanha, em 1982. Ainda que não implantada de maneira hegemônica (e, no Brasil de hoje, está difícil se estabelecer qualquer força hegemônica em qualquer esfera), ela indica a megatendência ideal para o futebol contemporâneo. A era Telê é a era

da influência decisiva do orientador. O conjunto é preparado para superar os mil papéis de uma individualidade. A tática e a estratégia de jogo passaram a ser elementos decisivos para a vitória. O pé passa a dividir o terreno com a cabeça (Suzuki Júnior, 1993, p. 4).

Se a Era Telê ainda se mantém até 2018, então o principal expoente desse legado é o aclamado técnico Tite, justamente por ser considerado um estrategista. Na época, Matinas Suzuki Jr. sugeriu que algumas denominações precisariam ser acrescidas de um prefixo ligado ao treinador Telê Santana:

...eu estava pensando comigo mesmo: a idiota da objetividade está desconsiderando o fator sobrenatural que responde por um nome bastante simples:

Telê

Trata-se de um nome que bem que poderia ganhar algumas derivações na língua portuguesa do Brasil: telesa, por exemplo, poderia significar a beleza no futebol (a maneira do time tal jogar é uma “telesa”).

E assim como o espanhol tem o verbo “pelear” (admitido também no sul brasileiro pelo Aurélio), isto é, disputar, nós teríamos o verbo “telear”, que significaria um pouco mais: disputar e vencer com ética e beleza. Como um esteta romântico alemão, ele já disse: “a vitória é sublime” (Suzuki Júnior, 1993, p. 4).

Parafraseando Matinas Suzuki Jr. para uma versão contemporânea dessa crônica, “telesa” seria acrescida do prefixo do técnico Tite ficando “titeleza”, assim como “telear” seria agora “titelear”. Ambas as denominações seriam uma homenagem aos técnicos, por tudo que fizeram pelo resgate e manutenção da tradição do futebol brasileiro.

Considerações finais

Leônidas da Silva, Zizinho, Ademir Menezes, Pelé, Garrincha, Tostão, Rivellino, Zico, Romário, Ronaldo, Zagallo, Neymar, Tite, Telê Santana e tantos outros esportistas são heróis dotados de *dons mágicos*? Jogadores de futebol e treinadores, sobretudo do Brasil, são modelos a seguir e, analisados sob esse ângulo, não passarão despercebidos do universo midiático.

O líder carismático se legitima, tornando o futebol uma prática integradora, na qual a sociedade brasileira espelha sua identidade e seus dramas, assim como uma fictícia *igualdade social*, como interpreta o jornalista, historiador e pesquisador Marcos Guterman: “Este esporte resolve simbolicamente as desigualdades econômicas habituais, sendo, por tal motivo, o modo pelo qual uma parcela significativa dos brasileiros de todas as classes quebra a hierarquia cotidiana” (2004, p. 268).

É neste ponto de vista que se constrói uma sociedade brasileira ideal, simbolizada pelo futebol (apresentado dentro de campo), com a demonstração de um povo criativo e batalhador, em busca de um presidente estrategista que defenda a sua pátria com ética e talento, no caso Titelê, herói imaginário que reúne qualidades de Telê Santana da Silva e Adenor Leonardo Bachi, o Tite.

Pensar no legado de um megaevento esportivo como a Copa do Mundo nos remete ao final de uma entrevista feita em 1987, em Belo Horizonte, com o técnico Telê. Ao ser questionado sobre a importância da defesa do futebol-arte tanto no âmbito do jornalismo esportivo quanto no universo do futebol brasileiro, o treinador respondeu:

A melhor maneira de se lutar contra esse mal que assola o futebol praticado no Brasil é fazendo essas defesas, e não olhando apenas a época que foi. O futebol, se bem jogado em determinada época, temos que elogiar e, hoje, se bem jogado, nós temos também de fazer elogios. Ninguém pode negar, por exemplo, de dizer que não gostava de ver a seleção húngara jogar, todo mundo gostava, como gostou da seleção brasileira dos anos 1960 e de 1970, como gostavam todos da seleção de 1982. É esse o verdadeiro futebol, que é espetáculo também. Você vai ao estádio para assistir ao espetáculo e ver a qualidade daqueles jogadores que estão em campo (Santana, 1987).

Referências

- ASA BRANCA – um sonho brasileiro. Direção: Djalma Limongi Batista. 35 mm, COR, 135 min, 3.700m, 24q, Eastmancolor. São Paulo: Embrafilme/Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo, 1980.
- DAMATTA, Roberto Augusto. **Antropologia do óbvio**: notas em torno do significado social do futebol. Revista USP. São Paulo, v. 22, p. 10-17, 1994. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/195855_3.%20DaMatta%20-%20Antropologia%20do%20obvio.pdf> Acesso em: 13 abr. 2018.
- _____. (Org.) **Universo do futebol** – esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- _____. **Carnavais, malandros e heróis** – para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo** – Buscas práticas para uma Teoria da Ação de Jornalística. São Paulo: Summus, 1994.
- GUERRA, Márcio de Oliveira. **Você, ouvinte, é a nossa meta** – a importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol. Juiz de Fora: ETC., 2000.
- GUTERMAN, Marcos. Médici e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. **Proj. História**, São Paulo, dez. 2004, vol. 29, tomo 1, p. 267-279. Disponível em:

<http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/220903_Guterman_-_Medici_e_o_futebol.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2018.

KFOURI, Juca. Tite para presidente. **Blog do Juca**. Uol Esporte. São Paulo, 24 de março de 2017. Disponível em:

<<http://blogdojuca.uol.com.br/2017/03/tite-para-presidente/>>. Acesso em: 17 de abr. de 2018.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Vozes, 1985.

TAVARES JÚNIOR. Jornalismo Esportivo – O que é. In: Revista Pauta Geral. Volume 4. Número 2. Pp. 38-49. Ponta Grossa, julho-dezembro de 2017. Disponível em:

<<http://revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/9998/6234>>. Acesso em: 20 mar. de 2018.

SANTANTA, Telê. **Entrevista** concedida a Luciano Victor Barros Maluly. Belo Horizonte, 1997. IN O futebol-arte de Telê Santana no Jornalismo Esportivo de Armando Nogueira. Entrevista transcrita nos Apêndices. São Bernardo do Campo: Umesp, 1998.

RODRIGUEZ, Jesús Casteñón. **El lenguaje peridístico del fútbol**. Valladolid. Secretariado del Publicaciones – Universidad D. L, 1993.